

EM TORNO DO CONCEITO DE BRASILEIRISMOS

Karina Chrysóstomo de Sousa Nascimento (UFRJ)

RESUMO

Esse trabalho objetiva analisar o conceito de brasileiro empregado por alguns gramáticos e filólogos brasileiros.

Observa-se, em torno desse tema, uma questão polêmica sobre a formação de uma língua brasileira.

Alguns estudiosos, a partir das diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, consideram a existência de dois idiomas. Outros, ao analisarem as semelhanças, principalmente no plano sintático, confirmam a presença de uma única estrutura.

Destaca-se entre esses autores, a figura de Celso Cunha.

Palavras-chaves: brasileiro, indianismo e africanismo

Este trabalho pretende refletir sobre o conceito de *brasileirismo* empregado por alguns gramáticos e filólogos brasileiros.

Observa-se, em torno desse tema, uma questão polêmica sobre a formação de uma língua brasileira.

Alguns estudiosos, a partir das diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal, consideram a existência de dois idiomas. Outros, ao analisarem as semelhanças, principalmente no plano sintático, confirmam a presença de uma única estrutura.

Torna-se necessário, antes de abordar os conceitos dos teóricos sobre o tema, retrocedermos ao momento de implantação do Português no nosso país.

O encontro do português (dominante) com o índio brasileiro (dominado) produziu uma situação inicial de bilingüismo, já que a língua serviu ao processo de colonização. Mais tarde, o português se sobrepôs às línguas nativas, favorecido pela fragmentação lingüística da população indígena. Durante o período colonial brasileiro, duas línguas foram descritas: o tupinambá e o cariri¹. Contudo, a maioria das contribuições léxicas indígenas originam-se do tupi.

¹ Nada justificaria ortografias como “kariri” ou outras estranhas à língua portuguesa visto que se trata de um termo especificamente brasileiro (**Nota do Editor.**)

No período de 1538 a 1855, a chegada dos escravos negros, originários da cultura banto e sudanesa, deu origem ao “dialetto das senzalas” – resultado do contato estabelecido entre a língua dos negros, índios e portugueses.

Esse dialeto foi seguido por um “dialeto português rural”, resultado do aportuguesamento dos africanos e da assimilação de africanismos pelo português. Esses diferentes momentos históricos trazem concepções teóricas distintas em torno do conceito de brasileiro.

Em seu livro, *Que é um brasileiro* (1987), Celso Cunha divide em cinco grupos os critérios usados para as definições propostas por nossos linguistas para brasileiroismos: critério de uso privativo, difusão geográfica, difusão social, sinonímia e origem.

O critério de uso privativo é usado por estudiosos que definem os brasileiroismos por contraste com o português europeu.

O pioneiro dos estudos sobre o português do Brasil, Visconde de Pedra Branca, distingue as duas variantes nacionais da Língua Portuguesa, através da oposição existente entre a aspereza da elocução européia e a amenidade da americana. Alguns estudiosos, como Mattoso Câmara Júnior e Silvio Elia, ao definir o termo “brasileirismo”, utilizam-se também desse critério para indicar a oposição entre o português do Brasil e o de Portugal.

O uso do critério de difusão geográfica nas definições de brasileiroismos costuma estar associado ao critério anterior. Em sentido estrito, brasileiroismos são os fatos lingüísticos pertencentes a uma determinada região do país; em sentido lato, são os elementos lingüísticos empregados em todo o país, ou em mais de um de seus estados.

De acordo com o critério da difusão social, os brasileiroismos são produto da linguagem popular, ou seja, são vocábulos que têm como origem as classes marginalizadas. Portanto são considerados, de acordo com o critério da difusão social, barbarismos ou desvios da norma culta.

O critério sinonímia foi encontrado, apenas, na definição de brasileiroismos de Jorge Guimarães Daupias (1929):

Brasileirismo será se, tendo já o objeto um nome em português, suceda darem-lhe outro os brasileiros. Fica, pois, consideravelmente reduzido o campo dos brasileirismos e limitado aos modos de dizer que não têm abonação no vernáculo antigo ou moderno. Será, portanto, a linguagem familiar, para não dizer o calão.

O critério de origem é usado para classificar os brasileirismos, a partir de uma fundamentação histórico-etimológica. Como exemplo, destaca-se Gladstone Chaves de Melo que divide os brasileirismos vocabulares em seis grupos: tupinismos, africanismos, vozes ameríndias e hispano-americanas, formações e derivações brasileiras, arcaísmos e brasileirismos quanto à significação.

Virgílio Lemos considera duas fases em que houve a dialetação do português no Brasil: fase degenerativa (corrupção do português de Portugal) e fase de reação culteranista (tentativa de reaproximação dos padrões portugueses).

Antenor Nascentes em sua obra, *O Idioma Nacional*, ratifica os estudos de Virgílio Lemos: “A expressão dialeto brasileiro serve para indicar de modo geral a variante portuguesa falada no Brasil”.

Gladstone Chaves de Melo, ao publicar *A Língua do Brasil*, afirma que a uniformidade do português do Brasil representa um sincretismo de dialetos continentais portugueses. Entre Brasil e Portugal, a *coiné* é a mesma; há, portanto, unidade.

Serafim da Silva Neto, em seu livro *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, acentua, na linguagem, o conteúdo *cultural* e não o suporte *natural*. Ao comparar o uso culto do português do Brasil e de Portugal, conclui não haver divergências que justifiquem a ruptura lingüística entre as duas nações.

Torna-se importante ressaltar alguns momentos da nossa Literatura em que o emprego de brasileirismos transformou-se em uma bandeira artística para a formação de uma identidade nacional.

No Romantismo, motivado pelo contexto histórico: independência, antilusitanismo, a questão em torno da formação de um idioma nacional começou a ser discutida a partir de alguns pressupostos teóricos. Gonçalves Dias considera que a língua é um reflexo da realidade geográfica e social de um povo, para isso, uma nova realidade exige outras palavras que possam expressá-la. José de Alencar, fundamentado na ideologia nacionalista dos românticos, aproveita a lin-

guagem indígena na poesia erudita, bem como a língua modificada pelo povo em seus romances. Ex.: “Isabel estava branca como a cambraia do seu vestido; sentia a pressão das mãos do moço nas suas e o seu hálito que vinha bafejar-lhe as faces: - Me perdoareis?” (O Guarani – José de Alencar)

O Modernismo, como movimento de ruptura, surge com a força de um estilo revolucionário que objetiva sedimentar as bases de uma identidade essencialmente nacional na língua, na literatura, na música e na pintura. Torna-se fundamental romper com o padrão lingüístico europeu e adotar um modelo nacional, representativo do uso popular brasileiro. Como exemplo, desse espírito revolucionário, podemos destacar o poema Pronominais de Oswald de Andrade:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Em relação à questão de estilo e brasileiroismo traduzidos pelos românticos, Serafim da Silva Neto define ambos como um espírito que busca traduzir uma concepção de vida através da estilização da linguagem corrente brasileira.

Renato Mendonça, *O Português do Brasil*, adota uma posição mais radical em relação aos estudiosos apresentados anteriormente. Segundo ele, nossa língua não pode ser considerada um dialeto, visto que abarca uma variedade de dialetos regionais e não é possível aceitar que o termo dialeto brasileiro seja utilizado para se referir a essa amplitude de superfícies. Além disso, a língua de Portugal diferencia-se da nossa na pronúncia, sintaxe e no vocabulário.

Em sua obra, considera três fases da dialetologia:

a) Pré-história – formada por Pedra Branca, Varnhagen, Alexandre Passos, Adolfo Coelho, na qual foram elaboradas algumas notas sobre o acento brasileiro e realizados os primeiros estudos sobre brasileiroismos.

b) Histórico-etnográfica – composta por Paranhos da Silva Macedo Soares, João Ribeiro, Pacheco Jr., Sílvio Romero, Leite de Vasconcelos, na qual houve o efetivo estudo do “dialeto brasileiro”.

c) Dialetoológica – representada pelos estudos do dialeto caipira de Amadeu Amaral e pela continuação dos estudos dos “dialetos” da língua portuguesa no Brasil.

Observa-se a existência de duas posições antagônicas para interpretar o português brasileiro, ora como uma modalidade conservadora, que reflete o português do colonizador, ora como uma modalidade inovadora, diferente em relação ao português de Portugal e por isso representativa de uma outra língua.

Dentre os aspectos considerados inovadorismos, pode-se destacar o emprego do pronome em alguns casos como:

a) Preferência do pronome *dele* em detrimento do pronome *seu* relacionado à 3ª pessoa do singular.

Ex.: “Investigam o caso da morte de PC e da namorada dele.”

b) Ocorrência do pronome *seu* em relação à 2ª pessoa do singular, o que evidencia uma neutralização na diferença entre 2ª e 3ª pessoas do singular.

Ex.: “Tu não foi à festa, mas seu namorado foi.”

c) Emprego de sujeito pronominal de oração infinitiva no caso oblíquo.

Ex.: “Isso é para mim fazer.”

d) Substituição do pronome reto da 1ª pessoa do plural por a gente.

Ex.: A gente $\left\{ \begin{array}{l} \text{vai} \\ \text{vamos} \end{array} \right.$

e) Tendência a despronominalização, principalmente em frases imperativas.

Ex.: “Sente.”

f) Uso do pronome oblíquo *lhe* como objeto direto – segundo Sousa da Silveira, por analogia com os pronomes *me*, *te*, *se* bem

com nos, vos, que podem desempenhar a função de OD e OI, é comum o emprego do pronome *lhe* também nas duas funções.

Ex: Eu *lhe* vi / Eu *lhe* encontro.

Senhora dona da casa
Saia fora do copíá
Que os contado da ribêra
Querem todos *lhe* louvá.

(Gustavo Barroso, Terra de Sol, p. 237)

Ao lado dessas inovações, encontram-se certos conservadurismos que aproximam o português do Brasil do português quinhentista. Tal fato aponta para um processo de estagnação da nossa língua em oposição à evolução do português europeu.

Assim, certos fenômenos que parecem característicos do nosso idioma, são considerados arcaísmos:

a) Uso do pronome pessoal reto como objeto.

Ex.: Eu amo *ela* / Encontrei *ele* doente

“El Rei mandou-o logo prender e levaram *ele* a Mateus Fernandes de Sevilha”. (F. Lopes – C. de Dom Fernando – cap. 46)

“É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei *ele* na quitanda...” (Machado de Assis – Brás Cubas – p. 191)

b) Colocação de pronome átono em posição proclítica.

Ex.: *Se* sente / *Me* dá uma bala?

Vou fazê uma pergunta,
Me preste bem atenção:
Pruque não quis aprendê
As coisas do meu sertão?

(Coisas do Meu Sertão – Patativa do Assaré)

“Me diz a verdade, você chegaria às lágrimas com um discurso de Marcelo Alencar?” (Artur Xexéo – 19/06/96)

“... a fita tinha começado, estava escuro que era um horror e dificilmente descobriram dois lugares nas cadeiras do fim. Se sentaram, *ele* deu um suspiro, mas do suspiro não passou.” (Raquel de Queirós – p. 20)

As definições de brasileirismos apresentadas tentam apreender uma nova realidade lingüística, organizada a partir da formação

de uma consciência nacional, estabelecendo critérios de diferenciação entre o nosso português e o de Portugal.

Ao analisar tais definições, percebe-se que os estudiosos têm encontrado dificuldade para chegar a uma definição consensual em torno do conceito de brasileiro. Cada definição privilegia um determinado critério, que pode ser considerado antagônico em relação ao outro.

A colocação dos pronomes pode ser considerada como item de distinção entre o Português do Brasil e o de Portugal.

Na posição de sujeito, o quadro pronominal é o seguinte:

Eu
Tu – você – eles
Nós – a gente
Eles

Observa-se a neutralização na linguagem cotidiana, principalmente carioca, entre a 2ª e 3ª pessoas do singular. Nesse caso, a concordância verbal obedece a conjugação de 3ª pessoa do singular.

Na linguagem oral, é freqüente, também, o emprego do pronome oblíquo *min* na função de sujeito de verbo no infinitivo – particularidade do nosso idioma em relação ao de Portugal.

Mas, ao mesmo tempo em que nossa língua aponta para uma revolução, observa-se nela a conservação de padrões lingüísticos do português arcaico.

Mais uma vez, surge a pergunta:

– o português do Brasil e o português de Portugal são línguas distintas ou ambas integram uma grande unidade que não exclui a variedade?

BIBLIOGRAFIA

BOLÉO, M. de Paiva. *Brasileirismos*. Coimbra: Coimbra, 1943.

CUNHA, Celso. *Que é um brasileiro?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

DAUPIÁS, Jorge Guimarães. *O dicionário da Academia Brasileira*. Lisboa, 1929.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

MELO, Gladstone C. de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.